

AVENÇA

# A REGENERAÇÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro  
Composição, impressão e Redacção na  
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:  
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo  
Administração: Tipografia Figueirense  
FIGUEIRO DOS VINHOS

## Disciplina Aprumo Novo caminho

O ciclone que assolou o país e tantos prejuízos veio causar à economia da nação não nos trouxe apenas tristezas e lamentos. No meio desta tragédia tódá, também podemos tirar dele uma grande lição. Perdoem-nos a comparação, mas temos de pô-la aos olhares de todos quantos só vêem um aspecto do mal. O ciclone devastou a terra portuguesa como nunca ela tinha sido devastada. Feriu a nossa economia no que ela tinha de mais profundo. Causou prejuízos imediatos e futuros que se elevam a muitos e muitos milhares de contos. Trouxe até com ele a natural confusão que era natural surgir de tão grandes proporções de tragédia. Mas não conseguiu espalhar o pânico da indisciplina, que, quando se dá, é de efeitos tão graves como a própria tragédia. Necessário se torna dizer isto pela verdade que encerra. O pânico natural de momento em presença da fúria dos elementos não conseguiu tornar-se pânico colectivo, desordem, indisciplina.

Temos que pôr este facto em evidência porque ele representa alguma coisa de consolador, porque ele traduz um estado de espírito colectivo que é primordial à própria segurança e serenidade dos povos, porque é serenidade e segurança colectiva. O Governo deu mostras igualmente dessa serenidade que não faltou ao povo. Com uma rara visão dos acontecimentos, o Governo poucas horas estudou o problema e encarou-o de tal maneira que, passada uma semana, a vida nacional não tinha nada a interromper a sua marcha natural a não ser o balanço trágico da catástrofe. Mas esse era natural que subsistisse como subsistiu. A desgraça foi demasiadamente grande para que possa ser reparada em semanas ou mesmo em alguns meses.

Tiram-se conclusões naturais e lógicas deste facto. O ciclone, como desgraça que é, encontrou-nos de certo modo couraçados para o enfrentar. Moralmente — e materialmente, o que é mais notável. Moralmente, porque a nação encontrou logo nas primeiras horas o apoio e o carinho oficial. Materialmente, porque a nação não estava desprevenida. Talvez agora seja altura de pôr em destaque até por este facto a "a excessiva providência, o exagerado amalhar de receitas públicas", como tantos designavam a obra financeira do dr. Oliveira Salazar. Agora verificamos nós quanto é útil — até para efeitos do imprevisto — ter ao canto da arca da nação algumas migalhas de reserva.

Em conclusão, o povo deu uma demonstração notável de disciplina. O Governo soube ser o orientador magnífico neste momento trágico de natural confusão e sofrimento. Precisamos agora continuar a ser disciplinados, estar atentos às ordens governativas, cumprir inteiramente as instruções das autoridades. Já foram dadas algumas sobre a conduta a seguir quanto ao aproveitamento das árvores derrubadas e sua conservação. Já começou a taina de reconstrução. Colaboremos disciplinadamente com o Governo, sejamos seus colaboradores intensos, aceitemos o sacrifício natural do momento que passa e não tenhamos dúvidas sobre o futuro. Ele será aquilo que nós desejamos que seja se soubermos ser patriotas, desinteressados e sobretudo humanos, muito humanos.

T. P.

O Mundo vive uma hora propícia como poucas para aquilatar do carácter e do aprumo moral dos homens.

Uns, nobremente — seguindo o exemplo dos cristãos de há 2:000 anos que preferiam deixar-se devorar pelas feras a renegar o seu credo — mantêm as atitudes que lhes dita a sua inteligência e o seu carácter, outros, vilmente, mudam de opinião (!) como quem muda de camisa e procuram estar sempre do lado do mais forte.

Este servilismo que — bem visto — não é exclusivo dos nossos dias, pois de rasteiros cortezãos ambiciosos e covardes nos falam as histórias de todos os países — acaba de ser azorragado por C. da Veiga num magnífico artigo que o «Jornal do Comércio e das Colónias», de Lisboa, publica em 14 de Dezembro.

Com um aprumo moral digno de nota e num estilo primoroso o articulista — que é um ilustre professor universitário — chicoteia sem dó nem piedade «essa fauna abundante de prégadores organizados e opiniosos, de escrevinhadores incaracterísticos, de pensadores incongruentes, de intelectuais falhados...»

Bem haja! lhe digo eu daqui, pelo alto serviço que presta à colectividade onde infelizmente pululam esses cortezãos falhos de carácter! Sim, porque — como bem escreve o Prof. C. da Veiga — «nada há mais prejudicial à formação do carácter do que os aduladores, rastejantes e humildes, a dizerem baboseiras a todo o instante e a tecerem elogios em cada gesto, a cada frase, a cada palavra!»

«O carácter forja-se ao contacto rude da verdade, na dura escola das provações, na modesta vida do trabalho eficiente não aparatoso.»

«E' ter carácter é manter uma opinião, decidida e firme que só se altera à força de argumentos justos, de razões precisas, de ensinamentos sadios. Pelo contrário, não ter carácter, é flutuar com as bandeirinhas ao vento, dançar conforme a música que se lhe toca, agitar-se lhe como o fantoche que invisíveis cordelinhos obrigam a gesticular.»

Leitor amigo, recorda-te (o que não é difícil...) de certos fantoches que tens encontrado na tua vida pública e privada e vê se não lhe encontras alguma das «virtudes» aqui apontadas)

Bem haja! repito, quem tão profundamente contribui para a obra da profilaxia social que é imperioso dever de todos os homens de carácter, que são quantos não carecem que ninguém lhes indique o caminho da virtude e da honra.

FALANDO, há pouco, aos Governadores Civis do País, o sr. dr. Joaquim Deniz da Fonseca, ilustre Sub-Secretário de Estado da Assistência, referiu se largamente à solução do magno problema a cargo do departamento que superiormente dirige.

Analizando com grande elevação tão importante como instante assunto, o sr. dr. Deniz da Fonseca, depois de criticar o sistema individualista com que, durante tantos anos, se fez entre nós Assistência, depois de acentuar que à luz do critério democrático esta foi sempre ou puramente filantrópica, ou caracterizadamente burocrática, aquele membro do Governo declarou que há que reformar a Assistência, mas em novas bases, de acordo com o critério familiar.

E é assim, porque, como ainda há pouco o acentuava o «Diário da Manhã em artigo acerca das afirmações do sr. Sub-Secretário:

«No primeiro caso (o da pura filantropia) tratava-se, acima de tudo, de dar satisfação aos sentimentos individuais dos bemfeitores que se compraziam em formas de caridade quasi sempre humilhantes da dignidade humana dos protegidos.

No segundo, resvalava-se na grande máquina da assistência pública, em que os encargos gerais absorviam a melhor parte das receitas e em que a produtividade era mínima. Uma percentagem avultadíssima das somas destinadas à assistência consumia-se em despesas de pessoal assistente pulverizando-se em ordenados e gratificações. E, assim, na expressão justa do sr. Sub-Secretário de Estado, os assistentes acabavam por ser os verdadeiros assistidos.

«Assistência de exibição e assistência estadual, as duas irmanaram-se na comum incapacidade para resolver o problema, porque uma e outra faziam unicamente a terapêutica da miséria e, por um acordo tácito, abstinham-se do exercício da função profilática.»

Este é, pintado por mão de mestre, o quadro verdadeiro do que era a nossa precária e deficientíssima Assistência.

Aceitava-se o mal como uma fatalidade inevitável. Nada se fazia para evitar esta fatalidade, mas depois, com maior ou menor alarde, ia-se procurar o remédio nem sempre acertadamente encontrado, que a causticasse.

Viveu-se assim, durante anos e anos, com bodos mais ou menos vistosos, com asilos de fardamentos reluzentes, mas aquilo que era preciso fazer-se, o que urgia realizar, jámais se levou à prática.

Não se encarava a questão com ânimo de a resolver. Adoptavam-se soluções de momento, que dessem nas vistas, que fizessem «brilharé».

Evidentemente, uma tal assistência tinha de ser defeituosa, má.

Em boa hora, felizmente, o Estado Novo resolveu enveredar por novo caminho. A assistência individual vai suceder a assistência familiar.

E' possível que o sistema não seja de tão boa fachada, mas é, indiscutivelmente, o mais eficiente, o mais certo, o mais produtivo — e, por isso mesmo, o mais de acordo com as doutrinas e o pensamento do Estado Novo.

### CICLONE

A fim de examinar a extensão dos efeitos do ciclone e calcular aproximadamente os prejuízos dentro do nosso concelho, esteve nesta vila o sr. Engenheiro Horácio Ellis u

Os prejuízos foram calculados em cerca de vinte e seis mil contos. Foi uma calamidade, que devastou o nosso concelho, cujos prejuízos, não há possibilidade de reparar nestes anos mais chegados.

**Correspondências**

**Vila Facaia**

**Ciclone**—O vendaval que assolou o nosso país, no próximo passado dia 15, atingiu rudemente esta freguesia principalmente na sua massa arbórea, tendo partido e arrancado milhares de pinheiros que constituíam, por assim dizer, a única riqueza da nossa região.

Os agricultores que tiravam da exploração da resinagem a maior parte dos seus recursos, e os operários que trabalhavam nos serviços privativos daquela indústria, vão agora lutar com um sem número de dificuldades insuperáveis, por que, embora o Governo, como é justo e humano, tome algumas providências, com fim de minorar uma situação tão aflitiva, auxiliando os lavradores os trabalhadores rurais que se vêm sem trabalho, não é materialmente possível, infelizmente, refazer tanta riqueza perdida.

O ciclone foi uma verdadeira calamidade para esta região que ficou sem o melhor de cerca de 300.000 pinheiros resinados; e mal vai ao nosso povo que anda acabrunhado e serumbático, — se providências não forem tomadas com vista a diminuir a acuidade duma situação tão aflitiva.

A Junta de Freguesia enviou uma representação às instâncias superiores, por intermédio da Câmara Municipal, impetrando para já, a abertura de trabalhos públicos, a fim de empregar a grande massa dos desempregados desta freguesia, constituída na sua maioria absoluta, por trabalhadores rurais.

**Conferências religiosas** — Durante toda a semana última realizaram-se, na igreja paroquial desta freguesia, conferências religiosas, que decorreram com muita elevação de espírito religioso, tendo sido enormemente concorridas pelo povo desta freguesia e das freguesias limítrofes.

O coro musical era dirigido pelo reverendo pároco de Pedrógão.

**Casamento**—No dia 1 do corrente realizou-se na igreja paroquial o casamento do sr. Joaquim Rodrigues Paiva, filho do sr. Lino de Paiva e da sr. Conceição Rodrigues de Paiva das Varzeas, com a menina Maria da Piedade, filha do sr. Valentim Coelho da Fonseca, e da sr. Maria dos Prazeres, dos Pobrais. Serviram de padrinhos os srs. António Augusto, das Varzeas e José Antunes, dos Moleiros e as senhoras Maria Brites e Maria da Piedade dos Pobrais. Aos noivos desejamos muitas felicidades.

**Partidas**—Já partiu de Madrid, para Santa Isabel—Fernando Pó—onde chegou no dia 5 do corrente, o nosso querido amigo sr. Abílio Dias de Carvalho, das Varzeas.

**Doentes**—Encontra-se doente, com um forte ataque de gripe, a sr. D. Adelaide de Oliveira L. da Costa, esposa do sr. professor Afonso Lopes da Costa.

Desejamos lhe rápidas melhoras.

**Roubo**—Na noite do dia 8 do corrente os ciganos roubaram 2 burros ao sr. António Lopes, da Vila Facaia e um ao sr. Manuel Carvalho, dos Moleiros.

C.

**Teatro Club-Figueiroense**

Amanhã, dia 16, a Companhia Dramática Lisboense Moiron, apresenta ali a opereta em 3 actos — Rosa de Nossa Senhora — com um elenco de 20 figuras de ambos os sexos. Completará o espectáculo um acto de variedades.



**JOAQUIM LOPES DE PAIVA**

Faleceu em Lisboa com 88 anos no próximo passado dia 2 do corrente, pelas 5 horas o sr. Joaquim Lopes de Paiva, abastado proprietário e capitalista, natural desta vila.

O sr. Joaquim Lopes de Paiva, filho do sr. Jerónimo Lopes de Paiva e de D. Maria Rosa Henriques dos Santos Paiva, iniciara os seus estudos em Coimbra, mas não se conformando com o curso que os seus pais lhe queriam dar, (desejavam que fosse padre), resolveu ir para o Brasil, embarcando no ano de 1870.

Ali se conservou durante dezasseis anos, sendo obrigado a regressar à metrópole, por motivos de doença.

Esteve em Figueiró durante algum tempo e restabelecido da sua doença, voltou para o Brasil, com seu irmão Augusto, a fim de liquidar os seus negócios.

Regressou definitivamente a Portugal, passado pouco tempo estabelecendo-se em Lisboa, com seu irmão António, com um estabelecimento de exportação de vinhos, sob a firma Paiva & Irmão, para o Brasil.

Por falecimento de José Quaresma Val do Rio Júnior, fundador da empresa Val do Rio, o falecido e seu irmão António, tomaram a direcção dessa importante casa.

Na construção das estradas desta região também a firma Paiva & Irmãos, tomaram parte, e de outras empresas, grangeando pelo seu trabalho e boa orientação, avultada fortuna.

**Cofre de Previdência Ministério das Finanças**

A Assembleia Geral do Cofre de Previdência do Ministério das Finanças, reuniu no próximo passado dia 28 de Fevereiro pelas 21 horas, na sala de concursos, da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, Ministério das Finanças, para leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1940, fixação do subsídio referido no Art.º 18.º do Estatuto e eleição dos corpos gerentes para a gerência de 1941.

Do relatório verifica-se que esta Instituição, tem actualmente 10 181 sócios e nos seus 15,5 anos da sua existência pagou de subsídios a importância de esc. 16.620.342,520 e de pensões por doença, esc. 246.810,70.

Estes números mostram os benefícios concedidos às famílias dos sócios falecidos e aos próprios sócios, visto que o Cofre paga parte do vencimento perdido quando estejam doentes.

No fim do século passado (1898) Joaquim e António Paiva construíram a Capela de Santo António, no Cabeço do Pião e a respectiva estrada, a estrada para a sua Quinta do Ribeiro Travesso, concorreram para a reconstrução da Igreja com 500\$00, deram o terreno para a construção da escola primária, hoje de sexo feminino e mais 500\$00 e iniciaram a construção dum jardim público.

Desgostosos com a orientação política local, afastaram-se, tendo a sua terra perdido grandes melhoramentos, pois muito se esperava da sua iniciativa e acção.

Joaquim Lopes de Paiva era um espírito rutilante, com uma memória extraordinária, conservando-a até à sua morte.

Espírito caritativo, auxiliou durante a sua vida, muitos da sua família e alguns contemplou no seu testamento.

Não se esqueceu dos pobres da sua terra, deixando-lhes 600\$00 para o pároco distribuir e 5000\$00 para a construção do Novo Hospital da Misericórdia.

O extinto deixou dois filhos a sr.ª D. Alzira Moreira de Paiva, casada com o sr. António Martins de Paiva Vidigal e o sr. dr. Fernando Moreira de Paiva, advogado.

O enterro teve lugar no dia seguinte ao seu falecimento, tendo sido acompanhado por numerosos amigos.

A família enlutada apresenta «A Regeneração», sentidos pésames.

**Joaquim Alves Martins**

Faleceu em Lisboa, vítima dum atropelamento de automóvel, o sr. Joaquim Alves Martins, comerciante e proprietário, natural de Alga, freguesia de Campelo, deste concelho.

«A Regeneração» apresenta à família do extinto sentidos pésames, principalmente a seu filho sr. dr. Eduardo de Oliveira Martins.

**Incorporação de recrutas**

De vinte a vinte e três do corrente, tem lugar a 1.ª incorporação de recrutas, nas respectivas unidades militares para que foram apurados.

Todos os mancebos pertencentes a esta nova incorporação, devem requisitar as suas guias de apresentação, na Secretaria da Câmara Municipal.

**Portugal perante o Mundo AGUA MOLE**

Em Port-of Spain, capital da Ilha da Trindade, foi devidamente comemorado o encerramento das comemorações centenárias de Portugal. Na sessão solene, que então se efectuou, usaram da palavra, além do nosso cônsul, numerosas individualidades que exaltaram a história de Portugal nos seus oito séculos de existência, desde a fundação até à hora gloriosa do nosso renascimento, operado por Carmona e Salazar.

O jornal «The Port-of-Spain Gazette», referindo-se a esta celebração, publicou um longo artigo em que se afirma:

«Portugal, soldado de Cristo, foi sempre dum admirável heroísmo e generosidade magnificante, por todo o curso da sua História de oito séculos».

Comemorações como estas repetiram-se em vários pontos do orbe. A' distância de séculos, Portugal repetiu a volta ao mundo. Com Magalhães, provámos que a terra era redonda. Agora, demos ao mundo a prova de que Portugal é eterno e digno do seu passado.

**Portugal, na vanguarda da civilização**

Durante a última viagem do «Angola à Africa Portuguesa», efectuou-se a bordo uma cerimónia, tocante na sua simplicidade, que constituiu mais uma homenagem à hospitalidade que Portugal tem dispensado aos refugiados da guerra, seja qual for a sua nacionalidade.

Em nome de um grupo de holandeses que seguíam para a Iasulândia, o sr. Peller agradeceu comovidamente a solicitude de que haviam sido alvo durante a sua permanência no nosso país, «que lhes fizera esquecer quasi o trágico êxodo a que a guerra atroz os obrigara». E frisou:

—Se durante as longas semanas que durou a nossa fuga dolorosa para Cêus mais elementares encontramos provas de simpatia, foi em Portugal que sentimos o coração dum povo bom e generoso.

Exaltou depois a nossa história, durante a qual o português conheceu apenas sentimentos de honra e de amizade, e o presente da nação, «confiada a dirigentes esclarecidos», e «que é, por vários títulos, a vanguarda da civilização».

Quando se fizer a história da nossa época, Portugal avultará como um povo que, fechado nas suas largas fronteiras inalteráveis, soube abrir a todo o mundo o seu coração.

**Meninos e meninas**

Para a mulher ser alguma coisa na vida que é, necessário se torna refazer a mentalidade masculina...

Cedo é dado a educação física das meninas uma orientação oposta à dos rapazes diz o sr. dr. Jaime d' Almeida, e seguidamente acentua que entretimentos ao menino se dá uma péla, um arco um carrinho, um triciclo ou qualquer outro objecto que exercite os musculos dando saúde e vigor ao seu organismo, a menina se dá uma horrenda boneca e uns trapinhos com que ela a veste para depois despir e tornar a vestir vezes sem conta.

Pensamos nós que a diferença ainda vai mais longe: enquanto ao menino se manda correr, saltar, pular, gritar, etc; a menina permanece assentada, e se ela pretende acompanhar aquele, os graves adultos apelidam-na de cavalo e mandam que esteja quieta.

Assim seguem os dois pela vida fóra, um aprendendo a ser uma força produtiva e a outra um ente materialmente nulo, e tão nulo, e por consequência tão dependente e subalterno que em mulher, para descer de um carro, necessita apoiar-se na mão que, cheio de vaidade, lhe estende o filho de lo anos ou menos ainda!

Para as mulheres serem alguma coisa, repetimos, alguma coisa que não isto, necessário se torna refazer por completo a mentalidade do homem!

(Mil novecentos e onze)

Luiz Leitão

**CARTEIRA**

Cumprimentámos nesta redacção o nosso amigo e assinante sr. João dos Santos Silva, negociante em Alter do Chão e vinha acompanhado de seu irmão sr. Franklím dos Santos Silva.

— A passar uns dias de licença, junto de sua família, esteve nesta vila o nosso amigo sr. António da Conceição Quaresma, guarda fiscal do Posto do Caia-Elvas.

—Encontra-se nesta vila o nosso amigo e assinante sr. Joaquim Rodrigues Dias, com atelier de barbearia em Lisboa.

**Como deve tratar-se o O ciclone e a Imprensa Inglesa**

De uma revista de vinicultura do centro da região vinícola do Rheno, depreendem-se certas indicações que podem interessar a todo aquele que tem de cuidar de vasilhame. Os barris são entre si diferentes, diz aquela revista, conforme o líquido que têm guardado. Não se deve meter qualquer vinho em qualquer vasilha. Investigações feitas por peritos demonstraram, que, por exemplo, vinho branco toma o sabor da maçã se for metido num barril em que se guardava vinho deste fruto, enquanto que numa barrica de vinho tinto toma uma cor avermelhada. As pipas do vinho tinto devem ser muito bem lavadas, com uma mistura de 0,25 litros de ácido clorídrico, sobre 10 litros de água a ferver, porção esta calculada para uma pipa de 100 litros. Devem, depois, ser passadas e lavadas com soda de 2%. Só assim portanto, a máxima cautela com o é que podem servir para guardar

emprego do vasilhame. Ao côro unanime de simpatia e de solidariedade que envolveu o nosso país depois da catástrofe do dia 15 — juntou o grande jornal inglês «The Times» a força moral do seu apoio. Num artigo de fundo, a que se referiram devidamente os jornais de Lisboa e Porto, o maior jornal inglês, autentico porta-voz da opinião britânica, trouxe-nos palavras de presença afectuosa e amiga. Se se quiser aproveitar um barril de cerveja para guardar vinho, tem este que se limpar até as aduelas estarem em branco, como se o barril fosse completamente novo. Mas, mesmo assim, não é bem certo se o vinho se conserva nele devidamente. É preciso, portanto, a máxima cautela com o emprego do vasilhame.

**Portugal na imprensa americana**

"The Washington Post" — importante jornal ilustrado norte-americano, publicou, no seu número de 12 de Janeiro último, uma página inteira dedicada ao nosso país e com o sugestivo título: "Portugal, última porta aberta para a Europa".

Encontram-se neste artigo, como num que publicou "The Seattle Sunday Times" mais algumas referências ao nosso país, a par de numerosíssimas fotografias panorâmicas, e uma exposição muito completa da doutrina política do Estado Novo.

A seguir a tantos jornais da Europa e da América Portuguesa e Espanhola que se ocupam do nosso renascimento, e consagram palavras de louvor ao homem providencial que o tornou possível — a imprensa norte-americana vem agora juntar a sua voz ao coro unânime.

**Anúncio**

Comarca de Figueiró dos Vinhos  
1.ª Publicação  
Faz-se saber que por este juízo e sua primeira secção, correm editos de vinte dias, citando quaisquer credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos editos e contados a partir da segunda e última publicação do respectivo anúncio, virem deduzir os seus direitos, querendo, nos autos de execução por custas e selos que o digno agente do Ministério Público nesta comarca, move a Ramiro da Costa David, divorciado, da Quinta do Mouchão.  
Figueiró dos Vinhos, 28 de Fevereiro de 1941.

O chefe da 1.ª Secção  
Jaime Ribeiro Sucena  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito  
Themudo Machado  
Jornal «A Regeneração» — N.º 528  
15 de Março de 1941

**Compro**

Cépa para carvão, lenha de carvalho e sobreira.  
Pinheiros e eucaliptos para madeira. — F. R. Ferreira  
Figueiró dos Vinhos

**Anúncio**

Comarca de Figueiró dos Vinhos  
2.ª publicação  
Faz-se saber que por este juízo e sua primeira secção correm editos de vinte dias citando quaisquer credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos editos e contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, virem deduzir os seus direitos, querendo, nos autos de execução por custas e selos que o digno agente do Ministério Público nesta comarca, move ao Doutor Avelino Simões Baidão e sua esposa Dona Maria Augusta de Sousa Prado Lacerda Baidão, residentes em Lisboa.  
Figueiró dos Vinhos, 15 de Fevereiro de 1941.

O Chefe da 1.ª Secção  
Jaime Ribeiro Sucena  
O Juiz de direito  
Themudo Machado  
Jornal «A Regeneração» n.º 528 15 de Março de 1941

**CONSULTORIO DENTARIO**

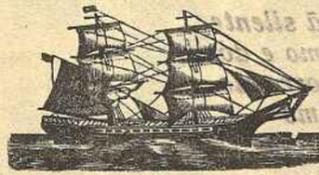
**A. MARTINS NUNES**  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :: DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA  
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferroira Borges, n.º 8



**Agência de passagens e passaportes DE António Rodrigues**

Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa

**Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes**

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de toda a documentação e responde a toda a correspondência

12-10

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA  
(A' Praça da Figueira) **Telefone 27998**

**CAMISAS LIMPOPE MARCA REGISTRADA**

A única camisa com colarinho indeformável. A' venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet.**  
Figueiró dos Vinhos

**Abilio da Conceição Rodrigues**  
Advogado Tel. 40  
Castanheira de Pêra  
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

**Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**  
SEDE — LISBOA

**Joaquim J. Fernandes**  
Medico Municipal  
Clínica geral  
Doenças das crianças  
Figueiró dos Vinhos

**Filiais** — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.  
**Agências** — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mugalde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torrões Vedrás, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

**J. Rodrigues de Oliveira**  
Médico da Casa do Povo  
Doenças de Pulmões — Partos  
Clínica Geral  
— Consultório e residência : —  
Praça José Malhoa.

**Armazém de Ferro, Aço e Carvão**

**Ulisses António da Conceição**

Pombal. — Telefone n.º 7

**João Leal da Silva Tendeiro**  
Médico Veterinário Municipal  
Clínica Geral  
Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

**Materiais de construção**  
Artigos sanitários — Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

**Agente-depositário de:**  
Cimento LIZ — Produtos LUZALITE — CERAMICA DE LAVEIRO  
Cal hidráulica MACIEIRA 24-19

- Os melhores preços -

**PEDRA**

Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquinhas, portas e janelas.

Jerónimo R. Pinhão

**GÉLO**  
VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pêra

**VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos**

**A Casa do GUSTAVO**

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro. Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

**GUSTAVO COELHO GODET**  
Figueiró dos Vinhos

**Carreira de Camionetes**

ENTRE

**Castanheira de Pêra e Lisboa**

DE

**BARREIROS & PINAZ**

**Garage AUTO-LYZ**

Rua da Palma — Lisboa

**EMPRESA DE CAMIONAGEM**

**A. J. ALVES & C.ª**

**Maçãs de D. Maria**

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

**Pontão — Pombal**

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

**Cabaços Coimbra**

**DIARIA** — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval.)

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde. 24-14

# Cartas de Lisboa

II

por ORLANDO COURREGE

Caro Amigo:

Depois de longa ausência, em que me retirei de Lisboa, de novo hoje recomeço a enviar-te as minhas missivas sem valor, mas que têm a qualidade de ser sinceras.

Aqui, o Carnaval, passou quasi sem se dar por ele. Devido ao luto que corre o Mundo, foi proibido nas ruas, limitando-se a bailes públicos e particulares e às casas de espectáculos.

O Entrudo desapareceu, pois; talvez por sempre estarmos nele... O que é a vida senão uma eterna mascarada, com colombinas e pierrots, bobos e estriões, gente que procura ser o que não é, tudo isto de mistura com uma enorme avalanche de enganos, mentiras e assaltos?

A quadra carnavalesca, ressurgimento de festas pagãs, não se molde, aliás bem, ao espirito português. Visto que nesses dias de folia, a satisfação deveria expandir-se e dar largas a uma verdadeira alegria que bem dispuzesse os espiritos, fôsse como que um desopilante para o resto do ano. Mas o português não se sabe divertir. No sangue baila-lhe muito um certo fatalismo e a sua alma sonhadora é nostálgica como o lacrimar da guitarra que ele prefere no fadinho melancólico e choroso, do que ouvir uma canção alegre em que se canta o sol e a alegria, se louve a vida procurando nos iludir e transformá-la em melhor, já que o não será talvez nunca.

Em tempos que a geração post-última grande guerra não conheceu, diziam que o Carnaval era divertido, a graça esfuante. E em que se resumia o espirito gracioso, de então, do portuguezinho valente que sempre primou na chalaga ordinária, em armar em galo de crista sempre erguida para toda a saia que lhe appareça, em ser brigão, em dar solução a todos os problemas por mais transcendentes que sejam entre dois golos à mesa do café, em se meter na politica sem nada dela perceber, e em dizer mal de tudo que pertença à sua terra?

As pessoas dirigiam-se principalmente para a R. do Carmo e Garrett, e se pertenciam à camada elegante, para as janelas do Club Tauromáquico ou do Turf, ou na própria rua, e despejavam-se tremoços aos sacos, partiam-se mutuamente ovos pôdres na cara, bezuntavam-se de farinha e outras tantas porcarias... Bem triste era o nível da civilização e educação d'esses individuos que, ao contrário do que se poderia julgar, não pertenciam só ao povo (aquele que geralmente costuma pagar em tudo pelo que os maiores fazem), mas sim à elite, à sociedade que se pensava superior, até à fidalgia...

Eram essas, fera as brutalidades costumadas nos teatros, em que chegava a casa roto, sujo, dorido, por vezes com um olho negro, em virtude de um sacco com feijão e pedras à mistura, certa e propositadamente atirado... Mas isso é que tinha sido gozar, isso é que era divertimento... — dizem ainda hoje os moços folgazões de outrora.

Os tempos hoje são outros. O Carnaval está moribundo, e felizmente, já que o não sabiamos compreender como por exemplo os brasileiros com os seus *Córsos* lindos, admiráveis, com os *cordões* cheios de graça, com as suas liberdades e loucuras até, que contudo não chegam a ferir ninguém, porque há a compreensão não da brutalidade mas da diversão. Ou então a delicadeza das grandiosas batalhas de flores, bem conhecidas de todos que se realizam em Nice, que se travam entre diversos carros ricamente engalanados.

Cá restam-nos os bailes. Os d'este ano grande parte foram, segundo anunciavam, com fins de beneficência, e se assim é, muito bem, pois não é justo que enquanto milhares de pessoas de tudo vivem privadas, numa noite se gaste em futilidades o que por vezes um chefe de familia ganha em três dias de trabalho.

«Mas os bailes (ainda me dizia há dias um rapaz amigo, médico mais pelo título que pelo exercício, frequentador certo de todos os sitios *chics* e divertidos, enquanto olhava amoroso para uma de tantas mulheres que passavam) são preciosos.

«Repara bem: segundo as estatísticas há mais mulheres do que homens e não vês que aquelas (em virtude do defeito de educação que as prepara e lhes dá armas não para se tornarem independentes e criarem uma situação livre, mas para cativar e prender os homens levando-os a maior parte das vezes ao tálamo nupcial e assim arranjam arrimo menos custoso) sem os bailes — o seu melhor campo de batalha — em que se procuram derrotar umas às outras e conquistar o homem, lhes fugia o melhor ambiente para exercer as suas seduções?

«Aí multiplicam os esforços em redor daquele a quem desejam agradar. Despem-se o mais que podem, mostram o que noutras occasiões lhes faria surgir o pudor, riem, são meigas, enleiam, tornam-se insinuantes, tecem a sua teia, qual aranha sabida e traiçoeira que espreita a pobre môsca volitando desprevenida. Se um tango toca a orquestra, eles que se julgam sempre seres activos, e fadados para grandes aventuras amorosas, apertam-nas mais. Elas enclaynham as unhas nas mãos dêles, faces encostam-se, corpos confundem-se. Então, o sexo pseudo-fraco, julga que o momento psicológico e culminante surgiu. Semi-encerram os olhos, enebriam-nos, enlouquecem-nos, procuram apresentar-se diferentes das outras, com mais alma, vibrando com maior intensidade, negando-se a tudo que elles lhes digam — para mais os acitar... E terminada a música, soado o último acorde, o pobre do par, vem para o lado dos amigos meio louco. Encontrara a mulher dilecta; a mulher inteligente; a mulher sensível; a mulher que comungava nos seus sentimentos; a mulher de atracção irresistível; enfim, a deusa da sua imaginação... Se ela *manobra* bem dá quasi sempre nisto...

«Mas elle sofre, pois ella que a principio parecia corresponder-lhe, agora recusa-se, o seu sorriso carminado dirige-se para um aspirante-zito que se sente misto de D. Juan e espadachim de outras eras. O cinema começa a mordê-lo, e tão ceguinho, que não repara que tudo é propositado, que é um dos aspectos do Carnaval da vida. Ella continua o seu jogo; brinca agora com o orgulho masculino e o homem cai, cai sempre. Quanto mais elle julga que *manobra* os cordelinhos, mais ella o faz mover como fantoche ao sabôr do seu jogo.

# Balada em teu louvor

Quando, nessa manhã silente,  
o teu sorriso veio calmo e dócil,  
olhei os naufragos morrendo,  
e o mar tornou-se calmo  
e os naufragos reviveram  
as afagantes delicias  
dum paraíso perdido.

Da indómitta ferocidade de selvagem,  
o mar tornou-se um lago verde-azul  
e, sobre as águas, não mais batéis perdidos!  
Antes o teu sorriso calmo e dócil  
envolvido pela canção da aragem  
— o teu sorriso de manhã silente  
rasgando a treva, silenciosamente.

Quando sorriste, envolta na manhã,  
Encontraram rumo os veleiros,  
perderam o brilho os faróis  
e, qual miríade pagã,  
traçaste novos caminhos  
no caminho dos nevoeiros.

És bem a estrela do nascente  
rasgando a treva e ofuscando os sois!

FERNANDO AUGUSTO

«Vês meu caro, como são precisos os bailes? Querias que elas se deixassem abraçar e apertar os homens de encontro a si, para lhes dar a conhecer as perfeições da sua anatomia, em plena rua? Aí seria indecente, imoral... Mas ao som das melodias voluptuosas que lembram noites hawayanas, languidas e belas em que cobertes pela poalha luarenta que desce do céu, sombras se juntam, mãos se tocam, bôças se encontram num desejo ou então na melopeia suave no contorcer dos corpos que bailam a «rumba», pouco a pouco os invadindo um torpôr e lhes despertando a sensualidade, aí tudo se lhes permite... A nossa moralidade é balofa, só depende do ambiente em que se pratica.

«Outros grandes campos de batalha são o cinema, as casas de chá e... mas isto fica para a próxima vez em que te encontrar.» Disse despedindo à pressa, com o seu geito trocista, ar de *bon-vivant*, de leão de salas, indo atrás de uma dama que lhe sorria. «Quem sabe se é alguma que o encantou nalgum tango, num desses ambientes que elle ironiza e talvez condene de facto mas que neles vai vivendo? Bem dizia Frei Tomaz...

Meu caro, bem sabes que detesto o Mundo. Porque será feito de tanta hipocrisia, de tanta maldade? Não seria tão bom se em vez de todos passarem a vida a travar uma luta cruciante entre si, de enganos, de embustes, fôsem sinceros, sem desmedidas ambições, sem desnecessários artificios?

Lá dirás que já faltavam os meus queixumes, juntamente com as minhas utopias... Tens razão, este meu pequenino desabafo não vem talvez a propósito, mas desculpa-o e agora antes de terminar vou dar-te a breve noticia duma visita que fiz à Sociedade Nacional de Belas Artes.

Realizou uma exposição notável de pintura e desenho o artista Bonifácio Lozano, espanhol de sangue e apelido, mas português da Nazaré. Achei-o simplesmente admirável quer como desenhador subtil, requintado mesmo, quer como pintor em que se verifica estarmos em presença de um artista absolutamente senhor da técnica da tão difficil arte de pintar, como se pode ver, nessa obra preciosa que é o retrato «Minha Mulher».

E' acima de tudo um retratista primoroso o que bem o demonstra também nas outras telas «Minha Mãe», «Rapariga com tijela», e Minha filha».

Nesta breve resenha não quero deixar de apontar dentre os quadros que mais me impressionaram o «seda e joias», e os estudos para o quadro Nazaré e muito principalmente a sua obra mais vigorosa, para mim, que é o «Consumatum est».

Estamos em presença de um pintor com personalidade, que não se esquece dos mais pequenos pormenores, que sabe escolher e dosear as côras, que bem coloca as imagens, que cuida das expressões. Gostei e tenho pena de que tu, tão admirador que és da pintura, não estejas cá para poderes apreciar estas belas telas.

Também expõe na mesma sala a pintura D. Maria Eduarda Lapa. Esta artista vem cada vez mais apresentando a segurança com que trabalha, marcando a sua posição e muito principalmente mostrando a sua sensibilidade ao transmitir e dar a vida a essa quantidade de quadros sobretudo de flores. Expondo em profusão camélias lindas, encantadoras rosas, artisticos goivos...

Tem um quadro «Malmequeres...» que é verdadeiramente notável tanto pela sua simplicidade e «verdade» como pela frescura, tonalidade, gentileza, que nele conseguiu apresentar.

São pois flores os principais trabalhos em que apresenta o seu talento. Contudo também tem paisagens, retratos, interiores, mas aqueles são o seu motivo mais belo e onde melhor se revela a sua sensibilidade artística.

E por hoje te deixa, com um abraço de amizade.

Março de 1941.

Orlando Courrêge

# Páxia

Eu sou aquele degredado  
Que nenhum perdão redime,  
Marcado por um ferrete  
Para a vida e para morte.  
Porque até os filhos meus  
Têm de expiar o meu crime.

Eu sou aquêlde degredado  
Que só o ouro reluzente,  
Cobrindo-me a carne nua,  
Poderia resgatar,  
Para então enfileirar  
Ao lado d'esses que são  
Aristocratas da vida.

Eu sou aquêlde degredado  
Que vive sempre algemado  
Na grilheta do Trabalho  
Com vontade de voar  
E a quem todos espezinham  
Como um frangalho.

Eu sou aquêlde degredado  
Que nenhum perdão redime  
Pois ninguém ouve o meu brado  
De liberdade  
Nêste mundo agrilhoado;  
E' uma ária  
Que voa ao vento e se esbate...

Eu sou aquele degredado  
Que não pode ter resgate,  
Eu sou o párial...

Alsácia Fontes Machado

# Teatro de João Pedro de Andrade

Na secção *Boletim Bibliográfico* do nosso próximo número, faremos referência ao primeiro volume de TEATRO, do conhecido crítico e dramaturgo João Pedro de Andrade. Nele, o autor reuniu dois dramas inéditos em 3 actos, *Transviados* e *Uma só vez na vida*.

Enquanto não escrevemos a respectiva nota crítica, podemos desde já referir que se trata dum livro com algo de novo para o teatro português, e cuja compra aconselhamos insistentemente aos nossos leitores. Todos os pedidos podem ser feitos a esta Redacção.

# Um adversário leal

Os diários publicaram a noticia da morte, num desastre de aviação, do vice-almirante Lothar von Arnauld De La Perrière. O ás dos ases, da guerra submarina de 1914-18 está ligado à nossa história contemporânea por forma a poder ser realmente considerado como um adversário digno do nosso respeito.

Foi elle que, a 14 de Outubro de 1918, atacou o caça-minas commandado pelo heroico Carvalho Araújo e, tendo vencido pela força, soube prestar aos portugueses a sua homenagem, de valente para valentes. Assinado o armistício pouco depois, foi esta acção—para De La Perrière — o seu último combate, que elle mais tarde recordava, dizendo que encontrara inimigos mais fortes mas nunca marinheiros que se batessem com mais bravura e leadade do que os tripulantes do «Augusto de Castilho».

A bandeira do caça-minas português, conservou-a e defendeu-a contra todas as ofertas feitas no sentido de a recuperar, pelo valor excepcional que lhe attribuía: «E' um grande trofeu», disse elle uma vez.

A memória de Lothar von Arnauld De La Perrière, vice-almirante da armada do Reich, mereça a todos os portugueses a simpatia viril que é devida a um leal adversário.